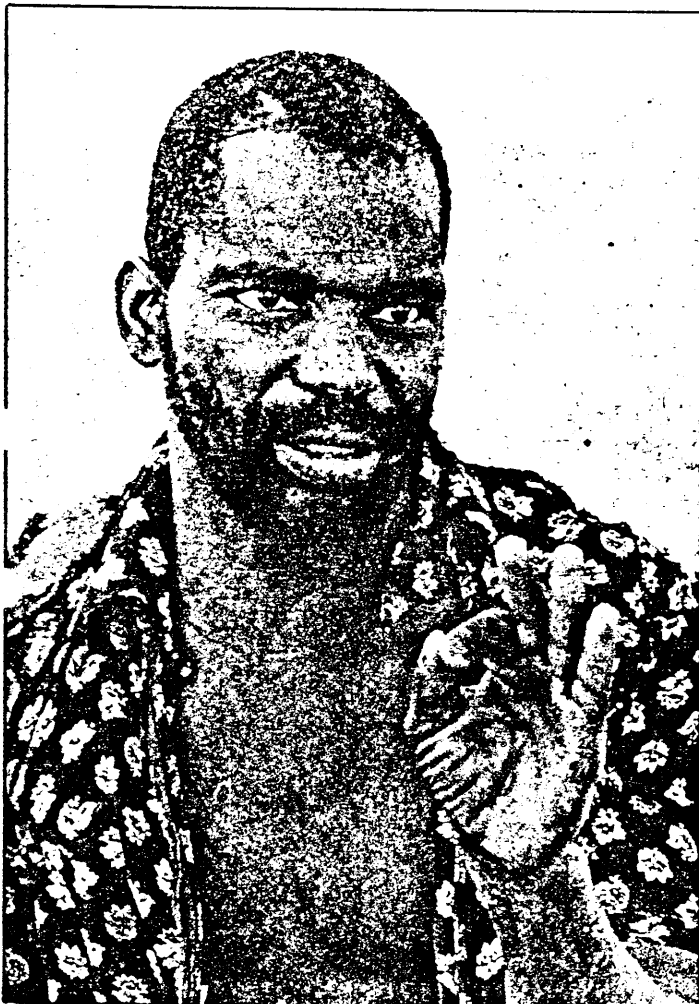




DOSSIER
BANDOS ARMADOS

O PERFIL DOS BANDIDOS

1-Sangue e destruição crime sem qualificação



Texto: Xavier Tsenane Fotos: Domingos Elias

Na sequência da «Operação 50.º Aniversário» dezenas de bandidos armados capturados pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM) foram apresentados aos jornalistas moçambicanos. Há a salientar que nas declarações, os próprios bandidos dizem que queimam carros; roubam bens do povo; que fogem ao confronto com as FPLM; que matam homens e mulheres; que cada grupo é acompanhado por um curandeiro; que há mercenários a trabalhar com eles.

A chegada à cidade de Inhambane, no dia 26 de Setembro, ao longo de uma das artérias, lemos numa placa a indicação: Exposição «Venceremos». Trata-se de uma amostra de armas, munições e explosivos apreendidos aos bandos, pelas FPLM, durante as operações em distritos e localidades da Província.

No decurso de uma série de acções contra os criminosos, levadas a cabo pelas Forças Armadas moçambicanas, estas capturaram não só grandes quantidades de armamento, introduzido pela RAS, como também muitos bandidos. Oito destes, na cidade de Inhambane foram por nós entrevistados.

Após cerca de meio-dia de tra-

Com a ofensiva
do Exército
«nós estamos
a acabar»
— conta o bandido
José Mateus
Watch Marime

balho, que para além das declarações dos bandidos, compreendeu as das suas vítimas, feridos e as que sofreram, sobretudo, prejuízos materiais, os jornalistas foram levados ainda à sede do Distrito de Chibuto, em Gaza, onde se localiza o Comando Provincial.

Numa exposição no Comando Provincial pudemos observar, produtos de roubos às populações que o Exército recuperou, bem como meios de fogo que os bandos receberam da África do Sul. Tudo isso coroa uma sucessão de operações de limpeza efectuadas contra 11 acampamentos. As referidas operações foram realizadas pelos batalhões das FPLM nas zonas de H a t i-H a t i, Chilelene, Bambene, Mangoro, Mambe, Machica, Lagoa, Chinelo, Sumbulane, Mazucane, Chicovo, Chipengue, Ndindiza, Simbirine, M a p o m b e, Balavala, Nduma e Mathombo.

A exposição patente no quartel do Comando Provincial apresentava entre outras coisas, 32 minas anticarro, 60 obuses de morteiro de 60 milímetros e 60 obuses de morteiro de 82 milímetros, dois obuses de 81 milímetros, oito roquetes perforantes anticarro, 42 roquetes, 20 pistolas AKM, 17 caixas de munições, 10 fitas de balas, uma peça metralhadora, um «cangulo», etc.

Quanto aos artigos extorquidos às populações, na exposição encontravam-se oito motorizadas, várias bicicletas, duas máquinas de costura, 15 receptores de rádio, discos, louça, panelas, calçado, roupa, cobertores, álbuns de fotografias, cadernos escolares, etc.

Ante o desenrolar das ofensivas do Exército nacional, os bandos armados desmembram-se. José Marime o bandido capturado, viu, uma vez, um grupo de 50 mercenários brancos, em Nhangele, entre os quais dois mercenários que falavam português. A missão destes era tentar parar o desmembramento rápido das hordas dos criminosos. Tinham chegado a bordo de helicópteros.

BANDIDOS:

EXTENSÃO DA RAS

Na cidade de Inhambane foram apresentados oito bandidos aos jornalistas. Mais tarde, em Chibuto, entrevistámos mais 10. Das

suas declarações pode-se concluir que há bandidos que vão receber treino na RAS; há presença de mercenários europeus nos seus acampamentos; a aviação da RAS viola o espaço aéreo da RPM para abastecer os criminosos, em armas.

Augusto Mulande Cumbane, de 31 anos de idade, natural de Inhambane, distrito de Jangamo, foi recrutado pelos bandos em Maio último. «Chegaram à minha casa no dia 25 de Maio e disseram que queriam comida, e depois, roupa. Eu respondi que não tinha. Então arrombaram-me a casa, e forçaram-me a transportar a roupa e a seguir com eles. No dia 6 de Junho recebemos armas após treinos em Tome. A tarefa do meu grupo, de 130 elementos era a distribuição de armas por pequenas bases. Quando fui capturado, estávamos a tentar ir fundar uma nova base em Gaza; durante esta missão eu desertei, porque estava cansado, com fome e sede, e assim fui descoberto. Mas enquanto actuava no meu grupo, tínhamos sorte: nunca encontrávamos soldados da Frelimo».

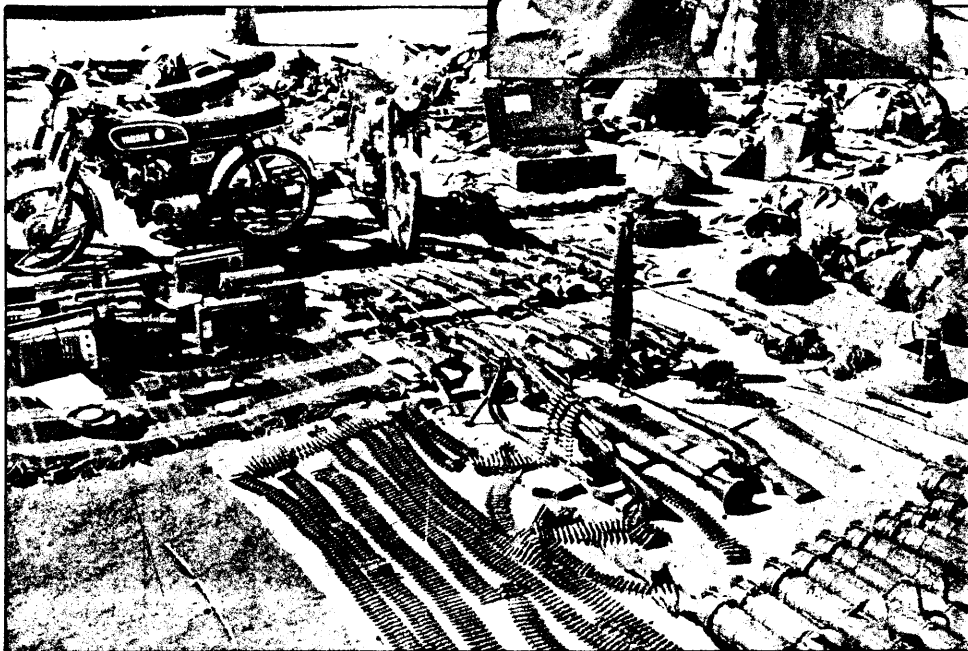
«MATEI SEIS PESSOAS»

Amnosse Josefa, de 25 anos de idade, havia sido treinado para os

Ao lado: Samuel Chaúque, cujo grupo incendiou dois autocarros: «Ai ninguém escapou». Em baixo: Bens roubados à população civil pelos bandidos entre o material capturado pelas FAM

bandos em Nhamulilo, na Província de Sofala, em Abril de 1982. «Após o treino, — disse em declarações à informação — participei no assassinio de seis pessoas na sua casa, por nos terem recusado comida. Numa outra casa levámos um boi; noutra levámos um saco de milho.» Tomou, igualmente, parte em assaltos às cantinas.

Jordão João Passe, de 28 anos de idade, natural de Vilanculo, entrou nos bandos em Fevereiro de 1983, tendo recebido um treino de seis meses, em Ngomo. A sua tarefa era «patrulha de comida». Em Mabenhane, o seu grupo confrontou-se com uma unidade do Exército. Tentou escapar, mas foi capturado pela população.





«O meu grupo tínhamos sorte: Nunca encontrávamos soldados da Frelimo» — afirma o bandito Augusto Cumbane, capturado em Gaza

AO SEI QUANTAS PESSOAS MATEI!»

Alexandre Joaquim Nhalivile, de 25 anos de idade, natural de Manjacaze, é um ex-recruta das FPLM, que desertou, para se juntar, voluntariamente, aos bandidos. «Eles entregaram-me uma mina e explicaram-me como montar na linha férrea, para dinamitar o comboio de Manjacaze a Chicomo». Tendo ingressado em Junho nas fileiras dos bandidos, Nhalivile, ao longo de quatro meses andou a semear a morte e a destruição. Oculto no mato, accionou o mecanismo que faria explodir o comboio Manjaca-

ze-Chicomo. Quantas pessoas matou? «Não sei».

Com efeito, é difícil, senão mesmo impossível estimar o número das suas vítimas. Por exemplo, no trajecto rodoviário Chibuto-Manjacaze, o seu grupo constituído por 10 bandidos queimou, em Junho, dois autocarros lotados de passageiros. «Só os condutores é que escaparam; deitámos combustível à volta das viaturas, e ateámos fogo».

«Em Chimanganine queimámos dois carros com os seus condutores, um «Toyota» e um «Land-Rover». Em Mbondzane matámos quatro milícias. Em Vamangue, assaltámos uma cantina da minha tia-avó».

Alexandre Nhalivile foi recentemente capturado em Chinhambanine, Machulai.

«AÍ NINGUÉM ESCAPOU!»

Fernando Zita, de 25 anos de idade, natural de Macalauane, foi raptado em Muhambe pelos bandidos em Maio de 1983. Depois de um treino de 10 dias, entrou em acção. Durante o período em que esteve ligado aos bandidos cometeu um ror de crimes. «Destruímos nove cantinas, queimámos as aldeias de Chibabene, Djavanhane, raptámos mais de 30 aldeões, para o nosso acampamento em Mbalavane».

O seu grupo, constituído por 300 bandidos, ainda incendiou nove carros, «raptámos os seus ocu-

pantes, levámos a sua carga, tudo para a base. Também, roubámos cinco cabeças de gado, cinco cabritos; galinhas comíamos todos os dias. Poucas vezes comemos verduras».

Samuel Chaúque, natural de Nhamazane, Guidjane recebeu um treino de quatro meses em Hathi-Hati, e carregava uma peça metralhadora. Afirma ter escapado cinco vezes a operações de perseguição movidas pelo Exército, numa das quais conseguiu contar três mortos entre os bandidos.

«Queimámos dois camiões «IFA» que se dirigiam a Mangoro. Roubámos os sacos de arroz que transportavam, arrancámos a roupa aos ocupantes. Matámos muita gente.» O bando que levou a cabo este crime era constituído por 300 bandidos. Também incendiaram dois autocarros, donde «ninguém escapou.» Entre os seus crimes conta-se ainda o roubo de cabeças de gado e cabritos às populações.

Samuel Chaúque havia sido raptado pelos bandidos quando pastoreava gado. Diz ter-se entregue às Forças Armadas moçambicanas. Numa das operações de limpeza efectuadas pelo Exército viu um dos chefes dos bandidos ser mortalmente atingido. Descreve que, por duas vezes, «veio um helicóptero à nossa base em Bombene».

«TAREFA DE ROUBAR GALINHAS»

Pedro Lucas Nhary, de 38 anos de idade, entrou, voluntariamente, nos bandidos. «A nossa vida era de roubar. A minha tarefa era de roubar galinhas.» Ingressou nas hordas dos criminosos em Novembro de 1982, e diferentemente dos outros, tinha liberdade de se deslocar a casa quando quisesse. De 1973 a 1979 foi polícia, em Maputo. O seu nível escolar é o segundo ano (ciclo preparatório). Ultimamente, após a sua desmobilização da polícia, recebeu a formação de técnico de veterinária, em Maputo, e ficou afecto à Empresa Agro-Pecuária de Chicualacuala.

Foi capturado no dia 14 de Setembro de 1983, em Inguane, depois de ter conseguido escapar de um assédio das Forças Armadas a um acampamento em Tome, que ficou, literalmente, destruído.

Parte do grupo de bandidos armados capturados pelas Forças Armadas na Província de Inhambane



José Mateus Watch Marime, de 34 anos de idade, natural de Malehisse, foi raptado pelos bandos a 13 de Agosto de 1982 e levado para um dos seus acampamentos em Nhangele, onde recebeu uma peça metralhadora. Como reclamasse por causa do peso da arma, trocaram por um «canhangulo», conta, ele. Então, começou a sua fulminante carreira do crime.

«Em três dias queimámos 15 carros em Nhangele, raptámos os seus ocupantes e distribuímos-los por acampamentos em Nhangele e Nhavarri.»

«Eu tinha recebido um treino de dois meses. Também participei na sabotagem de uma linha férrea em Licaca. Numa casa roubámos uma cabeça de gado.»

Segundo José Marime, o comando das acções criminosas era assegurado por 50 indivíduos brancos, que falam inglês e português. Precisamente, no dia 24 de Abril de 1983, estes apareceram, para dar ordens aos seus sequazes negros. Marime revela que os mercenários mostraram-se, sobretudo, preocupados com as baixas constantes que os bandos têm sofrido, frente ao Exército nacional. «Nós estamos a ver que as tropas da Frelimo vão vencer, porque nós estamos a acabar na base.»

Ainda de acordo com José Ma-

José Muhal, disse ao filho Samisone, de 21 anos de idade, para se apresentar aos bandos armados



Zacarias Filipe, de 10 anos de idade, ferido pelos bandos armados em Inhamba

rime, cada bando de 10 homens, da sua base, deslocava-se acompanhado por um curandeiro. Havia um total de cerca de 50 curandeiros, na sua maioria mulheres. O seu próprio grupo, por exemplo, era servido por uma curandeira, de Sofala, que dentre os seus instrumentos de trabalho tinha uma bússola!

Perguntámos a José Marime, como procediam quando presentiam a presença das Forças Armadas. «Voltávamos para trás» — respondeu. Insistimos em procurar saber porque não faziam fogo. «Eh! para morrer?!».

O depoimento deste bandido tem até um quê de humor negro. Conta Marime que na sua base, em Nhangele «tínhamos uma moedeira para o milho que roubávamos». Finalmente, inquirimos se alguma vez acreditou na causa dos criminosos. «Dizer que vamos ganhar, isso é fácil de dizer; mas ninguém está convencido». A sua carreira de bandido terminou quando foi capturado em Malehisse, durante uma missão de reconhecimento. Tentou, em vão, enganar a vigilância.

«MORTE AOS BANDIDOS»

No Hospital Central de Inhambane, a equipa da informação teve a oportunidade de visitar algumas vítimas dos bandos. Jaime Amosse, de 36 anos de idade, casado, com quatro filhos, foi surpreendido em Jangamo por um bando, que

o obrigou a ficar de braços, enquanto os criminosos discutiam, sobre o mais refinado método de assassiná-lo. Um dos bandidos tinha começado já a golpear a nuca de Amosse, com uma catana, quando a sua mão foi detida pelo chefe do bando.

Outras vítimas dos bandos, apresentadas aos jornalistas, ficaram com as casas danificadas, como consequência dos ataques criminosos. Entre estas pessoas encontram-se Victória Zacarias, de 34 anos, casada, com dois filhos; Filipe Silva, de 39 anos, cujo filho, Zacarias, ficara ligeiramente ferido; Pinto Nhamposse, a quem pertence as seguintes palavras: «os bandos armados não merecem viver».

«Vamos matar os bandidos», o grito saído de uma espontânea manifestação popular, próxima do local onde os jornalistas entrevistavam os criminosos capturados na cidade de Inhambane. A improvisada demonstração era consagrada, em grande parte, por crianças da escola primária. De referir que este escalão etário é um dos preferidos alvos dos bandos: daí o explosivo ódio infantil.

O crescente ódio popular aos bandos armados, cujos acampamentos têm sido descobertos e destruídos pelo Exército nacional, são factores que demonstram como está condenada ao fracasso a utilização de criminosos para a desestabilização da RPM.